

Nós, educadores, podemos reclamar, não entender ou simplesmente achar que a juventude está perdida. Por mais que façamos isto, não interessa, o Funk está aí e continuará por um bom tempo. Pior ainda, ele está aí há muito mais tempo que pensamos. E já sofre há muito tempo críticas semelhantes às que muitos intelectuais fazem atualmente. Mas continuou resistindo, se expandindo e se modificando ao longo de cerca de três décadas. Desde quando os primeiros bailes foram organizados ao estilo da "Black Music" estadunidense na década de 70, passando pelos momentos em que jovens das periferias se organizaram com aparelhagens improvisadas e pouca técnica musical para falar sobre suas realidades, até os dias atuais em que é fenômeno tanto visado na mídia quanto ainda marginal; o Funk faz parte da realidade de muitos jovens, quer gostemos ou não.

Por isso, este trabalho abordará questões relativas à experiência de duas oficinas presenciais dentro de minhas atividades como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Tais oficinas foram realizadas nas escolas Balduino Rambo e Irmão Pedro, abordando o tema "A História do Funk". Metodologia simples: exposição-dialogada sobre a história do Funk e sua relação com os contextos sociais dos diferentes períodos, leitura de letras, percepção de sonoridade e criação de letras próprias para apresentação acompanhada de uma base musical.

Resultados interessantes. Na escola Balduino Rambo, a exposição-dialogada foi mais difícil, ao mesmo tempo em que a atividade final foi além do previsto, com grande entendimento por parte dos estudantes do Funk como música que tem um significado social, e também crítico. Na Escola Irmão Pedro, resultado inverso, exposição-dialogada participativa e tranqüila, enquanto na atividade